

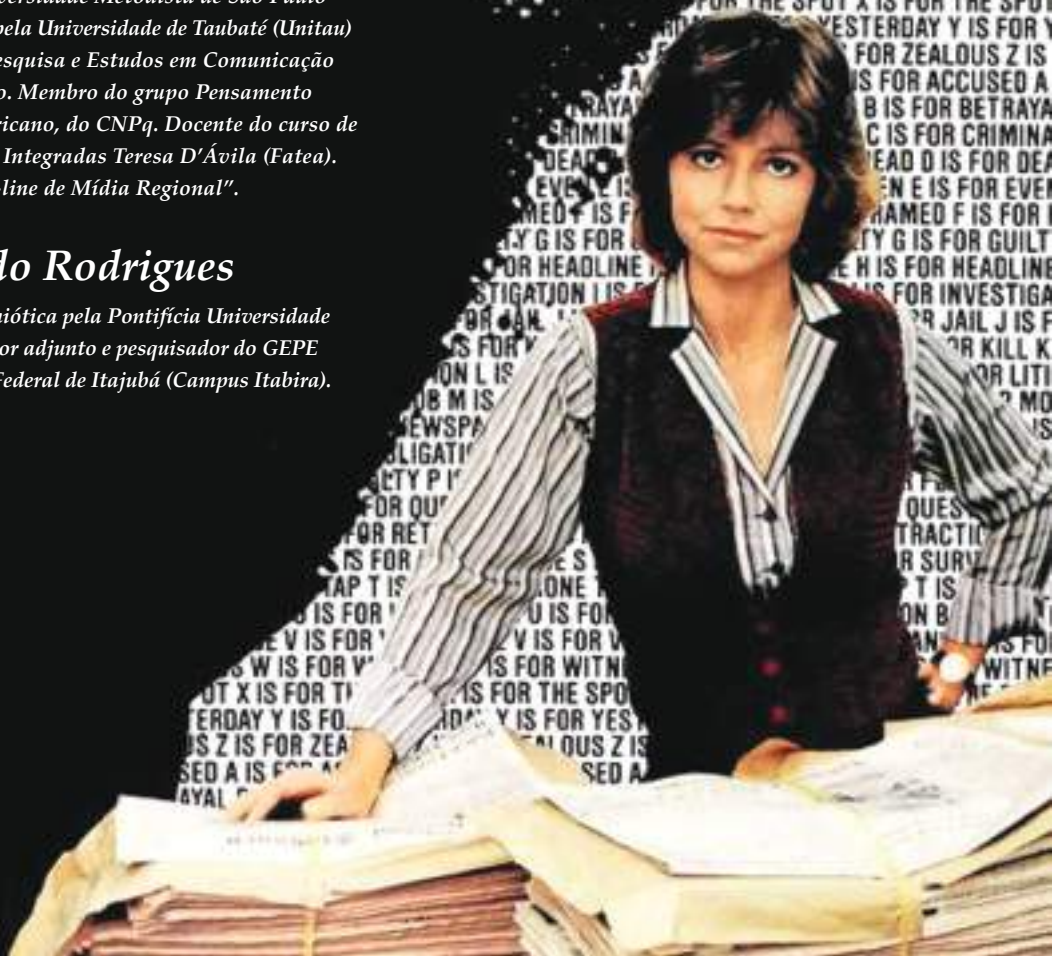
Jornalismo e ética no cinema: roteiros para uma discussão

Francisco de Assis

Doutorando e Mestre em Comunicação Social e Especialista em Jornalismo Cultural pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Jornalista graduado pela Universidade de Taubaté (Unitau) e pesquisador do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação (Nupec), na mesma instituição. Membro do grupo Pensamento Comunicacional Latino-Americano, do CNPq. Docente do curso de Comunicação das Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (Fatea). Editor da revista "Acervo On-line de Mídia Regional".

Leonardo Jurado Rodrigues

Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor adjunto e pesquisador do GEPE de Humanas da Universidade Federal de Itajubá (Campus Itabira).



INTRODUÇÃO

A função do jornalismo na sociedade, especialmente nos países democráticos, é tema de constantes discussões e de observações críticas. Trata-se de uma preocupação de intelectuais, pesquisadores, formadores de opinião e de profissionais da área em compreender os rumos do fazer jornalístico, tendo em vista a responsabilidade desse tipo de produção para com o público que atinge.

Diante de tal cenário, é possível notar em observatórios de imprensa e em outros núcleos de crítica de mídia um forte compromisso para identificar se a atuação dos jornalistas está constantemente aliada à ética que rege os conceitos básicos da profissão. Espera-se que esses profissionais atuem sempre em benefício do organismo social, colocando-se, exclusivamente, a serviço da verdade e dos interesses coletivos. Todavia, em não poucos momentos da história recente, percebe-se que ainda falta à imprensa um sentido profundo do que seja a ética (COSTA, 2007).

Não se pode negar, ainda, que o debater acerca da ética jornalística não se restringe exclusivamente a espaços formais: na ficção também é possível encontrar aportes consistentes para uma reflexão em torno do assunto. O caso mais frequente, *grosso modo*, é do cinema, que transporta para suas telas todo um repertório imbuído de senso crítico a esse respeito.

Este trabalho se propõe a elaborar um roteiro para discussões sobre o tema jornalismo e ética no cinema. Parte-se de uma breve revisão de literatura que se ocupa da inter-relação da profissão com seus princípios éticos, passando por uma abordagem sobre o cinema como meio de comunicação capaz de “falar” às massas, para, a partir daí, esboçar um roteiro de filmes produzidos a partir da década de 1950, que podem subsidiar tal debate.

O estudo é, em parte, de natureza bibliográfica, que se vale de obras de referência, e se complementa pela observação sistemática de seis longas-metragens¹. Tal metodologia, segundo Gil (1987), possibilita a descrição precisa dos fenômenos analisados, a partir de categorias pré-estabelecidas.

JORNALISMO E ÉTICA: BINÔMIO INDISSOCIÁVEL

A atividade jornalística, independentemente do contexto ou do suporte em que se insira, se apoia em dois pilares: o operacional – que corresponde aos critérios de periodicidade, atualidade, universalidade e difusão, definidos por Otto Groth² (MARQUES DE MELO, 2003) – e o ético, que diz respeito à veracidade e a liberdade de informação.

Os conceitos éticos indicam a veracidade como matéria-prima do jornalismo. Não existe, portanto, a possibilidade de tal prática transgredir a fronteira entre a realidade e a ficção. Aliás, a própria credibilidade de uma determinada empresa jornalística está alicerçada na fidedignidade com que a mesma relata fatos e versões.

Também não se pode deixar de dizer que a liberdade

de informar e de opinar é o que legitima o exercício pleno do jornalismo. Evidentemente, cabe à legislação do Estado estabelecer limites para o exercício, evitando, assim, eventuais abusos por parte da imprensa. De qualquer forma, o fato é que se não há liberdade, não há jornalismo.

Para Eugênio Bucci (2004, p. 12),

A ética jornalística não se resume a uma normatização do comportamento de repórteres e editores; encarna valores que só fazem sentido se forem seguidos tanto por empregados da mídia como por empregadores – e se tiverem como seus vigilantes os cidadãos. A liberdade de imprensa é um princípio inegociável, ele existe para beneficiar a sociedade democrática em sua dimensão civil e pública, não como prerrogativa de negócios sem limites na área da mídia e das telecomunicações, em dimensões nacionais e transnacionais.

O autor considera que a discussão em torno da ética na imprensa só é válida se todas as partes envolvidas assumirem seu compromisso. Em outras palavras, o debate não deve se voltar apenas para os jornalistas que exercem o ofício, mas também aos gestores da indústria midiática, que necessitam se conscientizar de que o jornalismo se presta, única e exclusivamente, a perseguir a verdade e a divulgar informações em vista do bem comum.

Para Blázquez (1992), a ética jornalística implica, necessariamente, na credibilidade do trabalho oferecido à sociedade. Uma vez maculada tal imagem, dificilmente há um processo de reversão; e quando há, nem sempre se consegue que a opinião pública volte a ver determinada empresa midiática com bons olhos. E mesmo diante dessas circunstâncias, o autor percebe que para a mídia, de modo geral e quase sempre, o que interessa é criar certa dose de sensação, pondo à prova sua própria postura ética.

A disposição ética de muitos meios de comunicação mostra-se muito questionável, daí existir um grande interesse pelos aspectos éticos da informação, fato que, porém, não significa que haja disposição suficiente para aceitar soluções práticas concretas e comprometidas com os graves problemas suscitados. Para muitos o importante é ter algo sobre o que falar, de forma atraente, seja o que for, mesmo que para isso seja preciso afastar os princípios éticos e morais (BLÁZQUES, 1999, p. 32).

Em suas argumentações, Blázquez é contundente e deixa claro que o compromisso dos meios de comunicação com a verdade independe da posição ideológica dos veículos e dos interesses do mercado. A dissimulação do real e os contornos inverossímeis que se dão a alguns fatos noticiados pela imprensa se caracterizam, portanto, como agentes contrários aos princípios da comunicação.

Kunczik, ao abordar a ética profissional a partir dos aspectos sociológicos levantados por Max Weber, enfatiza que a ética do jornalista deve ser a questão-chave para se pensar seu agir profissional, principalmente porque a conduta do profissional é que será responsável pelas consequências dos conteúdos divulgados pela mídia. Assim sendo, é necessário que existam parâmetros que orientem

o que pode e o que não pode ser feito pela imprensa.

Acredito que Barry Bingham, o ex-presidente do International Press Institute, acertou no alvo quando disse: “Não se pode ter uma imprensa livre se ela se comporta irresponsavelmente. A ideia de que nossa missão seja tão alta que ninguém possa questionar nosso desempenho é ilógica. Quanto mais alta a missão, maior deve ser a responsabilidade ao cumpri-la” (KUNCZIK, 2002, p. 49).

Retomando às ideias de Bucci, vale ressaltar que toda a discussão em torno do binômio jornalismo e ética não pode ser restrita às redações de veículos impressos e eletrônicos. Urge, para o autor, que o debate se estenda à sociedade, para que esta seja partícipe ativa e tenha condições para cobrar uma postura exímia daqueles que movimentam o mercado midiático.

CINEMA E JORNALISMO

Considerado como a última das sete grandes artes e como meio de comunicação de massa, o cinema teve sua origem oficial com a projeção de imagens amplificadas numa tela instalada no *Grand Café* do *Boulevard des Capucines*, em Paris, em 1895. Porém, desde a primeira metade do século 19 já se faziam experimentos que visavam à criação de máquinas projetoras de imagem.

Em 1891 Thomas Alva Edison patenteou a invenção do Cinetoscópio (que veio a público em 1893), dispositivo com visor e dentro do qual um rolo de 1,5m de filme rodava ininterruptamente. [...] Na França, os irmãos Auguste e Louis Lumière trabalhavam no estúdio fotográfico do pai, Antoine, em Lyons. Em 1894, o Cinetoscópio de Edison foi exibido em Paris, e, ali, Louis Lumière começou a desenvolver uma máquina que competisse com ele. O Cinématographe, inicialmente uma câmera com projetor, foi patenteado em nome dos irmãos em 13.2.1895 (BERGAN, 2007, p. 16-17).

Em 28 de dezembro de 1895, no *Grand Café*, o público parisiense se encantou com a novidade: filmes bem curtos, em preto e branco e sem som compunham a primeira exibição pública de cinema. Em um deles, um trem vinha em direção à plateia, que, assustada, buscava proteção sob as poltronas. Um dos irmãos Lumière, ao conversar com George Méliès, ilusionista de teatro interessado em adquirir o “cinematógrafo”, não acreditou no potencial do meio que acabara de surgir, chegando a afirmar que a invenção não teria o menor futuro como entretenimento – apenas serviria como instrumento para estudos científicos (BERNADET, 1991). Lumière estava errado.

O que havia e há de especial no cinema é a mágica da ilusão, a impressão de realidade. Nas projeções das mais diversas obras, as pessoas podem experimentar inúmeras realidades (imagens destas realidades, na verdade) que não as suas, mesmo que por um breve momento. Ao longo da sua existência, o cinema se firmou como poderoso meio de comunicação, adquirindo significado cultural, e passou a ser mais do que apenas entretenimento: ele foi

e é capaz de gerar verdadeiras obras de arte. Ele passa a acompanhar as mudanças da cultura e da sociedade, ao mesmo tempo em que também reflete essas mudanças. Não sem motivos, tornou-se a arte do século.

Os primeiros filmes produzidos pelos irmãos Lumière – *La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière* (*A saída dos operários da fábrica Lumière*) e *L'Arrivée d'un train en gare* (*Chegada de um trem à estação*) – eram, na verdade, uma exposição de cenas cotidianas, sem que houvesse narrativas ou ideias de representação. Era um período experimental, no qual ainda não se tinha uma ideia de representação, apenas um estilo mais próximo do que hoje se entende por documentário.

Pouco tempo depois, em 1896, Méliès editou uma série de filmes que provaram que o cinema não servia exclusivamente para o registro da realidade: começou-se, então, a explorar a narrativa dentro daquele novo meio, com produções consideradas clássicas, como *L'affaire Dreyfuss* (*O caso Dreyfuss*, 1899) e *Le Voyage Dans La Lune* (*Viagem à Lua*, 1902).

Segundo Bernadet (1991, p. 12), a grande contribuição de Méliès ao cinema está no fato de ele ter enxergado além dos irmãos Lumière, explorando o novo invento pelo prisma do ilusório. Afinal, a representação do real é a principal característica do meio:

A imagem na tela era em preto e branco e não fazia ruídos, portanto não podia haver dúvida, não se tratava de um trem de verdade. Só podia ser uma ilusão. É aí que residia a novidade: na ilusão. Ver o trem na tela *como se fosse* verdadeiro. Parece tão verdadeiro – embora a gente saiba que é mentira – que dá para fazer de conta, enquanto dura o filme, que é de verdade. [...] Essa ilusão de verdade, que se chama *impressão da realidade*, foi provavelmente a base do grande sucesso do cinema.

Com o passar do tempo, o cinema foi se modernizando: deixou de “ser mudo”, começou a ser filmado em cores e, num passado recente, passou a contar com as tecnologias digitais. Quanto aos gêneros e formatos, uma variedade de propostas foi sendo testada com sucesso, ao longo dos anos, recebendo diversas nomenclaturas, como documentário, melodrama, *road movie*, comédia etc.

Por se tratar de uma produção que alcança as massas, o cinema não abarca apenas histórias romanceadas e desprovidas de senso social, mas também engloba temas de grande repercussão na esfera pública. No caso do jornalismo, atividade que está diretamente ligada ao cotidiano da sociedade, foram centenas as vezes em que os filmes retrataram o universo da imprensa. Uma pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre os anos de 1998 e 2000, catalogou 785 produções cinematográficas sobre jornalismo (BERGER, 2002).

Para Christa Berger, coordenadora do projeto realizado na UFRGS, o interesse do cinema pelo jornalismo se dá pelo fato de que a profissão contém elementos atrativos para o grande público. Por isso mesmo, os bastidores do jornalismo, especialmente as redações de jornais

impressos, despertam a curiosidade das pessoas.

A curiosidade que a profissão suscita é, entre outras, a de saber como é ter vínculo, sem mediação textual, com a vida, como parece que os jornalistas têm. Esta é mais uma das tantas razões que explica a quantidade de filmes sobre jornalismo: eles contam histórias acontecidas e, ao mesmo tempo, contam o processo de como os jornalistas chegam aos acontecimentos e de como estes são transformados em notícia. Todos conhecemos os acontecimentos através da mídia, com os filmes sobre jornalismo, sabemos também de como os acontecimentos tornaram-se notícia. Os filmes de jornalismo não deixam de ter um caráter de “documentário dos bastidores” (BERGER, 2002, p. 16).

Quanto à ética, este parece ser um tema constante nas relações estabelecidas em filmes sobre jornalismo. Grande parte deles traz à tona uma vasta discussão sobre o papel do jornalismo, o poder da imprensa, as relações de trabalho dos personagens, as tomadas de decisão dentro das redações, entre outros temas. Em todos esses casos, os limites do fazer jornalístico permeiam as narrativas, sugerindo algumas possibilidades de leituras, como será visto no próximo tópico.

ROTEIRO PARA UM DEBATE

Conforme dito anteriormente, o objetivo deste *paper* é propor um roteiro de discussões sobre jornalismo e ética com base em produções cinematográficas que se ocupam de tal temática. Para tanto, selecionaram-se, como amostragem, seis filmes correspondentes às últimas seis décadas da história do cinema – de 1950 aos anos de 2000 –, distribuídos em duas categorias (Tabela 1).

Tabela 1 – Categorias de análise

Categoria	Filmes correspondentes
Poder da imprensa	Todos os homens do presidente Ausência de malícia O informante
Manipulação de informações e interferência nos fatos	A montanha dos sete abutres O preço de uma verdade Dias de fogo

A partir da seleção dos longas-metragens, julgou-se necessária a apresentação das respectivas sinopses para que se possa ter uma ideia mais clara de cada abordagem, como pode ser observada na Tabela 2.

Tabela 2 - Sinopses dos filmes³

Filmes	Sinopses
A montanha dos Sete Abutres (Ace in the Hole), 1951 Direção: Billy Wilder	O repórter veterano Charles Tatum (Kirk Douglas) foi despedido de 11 jornais. Ele está sem dinheiro e pede a Jacob Q. Boot (Porter Hall), dono de jornal pequeno, que lhe dê um emprego. Seu plano era trabalhar ali por dois meses, mas após um ano não surgiu nenhuma oportunidade nem aconteceu nada bem interessante que rendesse uma boa matéria. Tatum sente-se totalmente entediado e sem motivação, até que recebe ordem para cobrir uma corrida de cascavéis. Ele rumo para o local acompanhado por Herbie Cook (Robert Arthur), um misto de auxiliar, motorista e fotógrafo. No meio do caminho param para abastecer o carro e Tatum descobre que Leo Minosa (Richard Benedict) ficou preso em uma mina quando procurava por relíquias indígenas. Tatum sente que esta reportagem pode ser sua chance, mas para isto precisa ter controle da situação. Ele transforma o resgate de Leo em assunto nacional, atraindo milhares de curiosos, cinegrafistas de noticiários e comentaristas de rádio, além de forçar Lorraine (Jan Sterling), mulher de Leo, a se fazer passar como uma esposa arrasada. Na verdade ela ia abandonar o marido nesse momento, mas Tatum a fez ver que poderia ganhar um bom dinheiro na sua lanchonete quando as pessoas chegassem para ver o que acontecia. Para prolongar o circo, Tatum reduz deliberadamente a velocidade do resgate de Leo, pois o ideal é que ele fique preso por dias e não por algumas horas.
Dias de Fogo (Medium Cool), 1969 Direção: Haskell Wexler	John Cassellis (Robert Forster) é um repórter especializado em matérias sobre violência e conflitos raciais. Ao descobrir que o canal para o qual trabalha colabora com o FBI, ele protesta e é despedido, e vai para Chicago, onde está acontecendo a Convenção Nacional dos Democratas.

Filmes	Sinopses
Todos os homens do Presidente (All the President's Men), 1976 Direção: Alan Pakula	Em 1972, sem ter a menor noção da gravidade dos fatos, um repórter (Robert Redford) do Washington Post inicia uma investigação sobre a invasão de cinco homens na sede do Partido Democrata, que dá origem ao escândalo Watergate e que teve como consequência a queda do presidente Richard Nixon.
Ausência de Malícia (Absence of malice), 1981 Direção: Sydney Pollack	Michael Colin Gallagher (Paul Newman) é um importador de licores que, por ser filho de um conhecido gângster, é injustamente acusado do desaparecimento de um líder sindical. Uma ambiciosa e não muito escrupulosa jornalista é a autora da matéria. Gallagher traça um plano para sair limpo da denúncia e dar uma lição na jornalista e no jornal.
O informante (The Insider), 1999 Direção: Michael Mann	Em 1994, um ex-executivo da indústria do tabaco deu entrevista bombástica ao programa jornalístico "60 Minutos", da rede americana CBS. Dizia que os manda-chuvas da empresa em que trabalhou não apenas sabiam da capacidade viciadora da nicotina como também aplicavam aditivos químicos ao cigarro, para acentuarem essa característica. Na hora H, porém, a CBS recuou e não transmitiu a entrevista, alegando que as consequências jurídicas poderiam ser fatais. Baseando-se nesta história real, o filme narra a trajetória do ex-vice-presidente da Brown & Williamson Jeffrey Wigand (Russell Crowe) e do produtor Lowell Bergman (Al Pacino), que o convenceu a falar em público.
O preço de uma verdade (Shattered Glass), 2003 Direção: Billy Ray	Stephen Glass (Hayden Christensen) é um jornalista que consegue entrar para a equipe principal do jornal, The New Republic, de Washington. Dos anos em que trabalha na redação, mais da metade dos textos de sua autoria ou foram inventados ou copiados, o que não impede seu crescimento. Porém sua fama vai por água abaixo após sua farsa ser descoberta.

A observação dos filmes descritos nestas linhas aponta alguns caminhos para a reflexão sobre a ética no jornalismo retratada pelo cinema: trata-se de uma visão, embora amparada pela ficção, didática sobre as causas e efeitos do fazer jornalístico.

A primeira categoria a ser analisada reúne três títulos que relatam as consequências do poder da imprensa. *Todos os homens do presidente*, *Ausência de malícia* e *O informante* traduzem a construção e a desconstrução do sentido que se dá ao "quarto poder", conceito que elege o jornalismo como um "fiscalizador" dos interesses coletivos. A começar pelo primeiro dessa lista, o filme de 1976 é uma releitura da investigação jornalística, é capaz de mudar o curso da história. Representação do caso Watergate⁴, o longa mostra como os jornalistas do *The Washington Post* se tornaram responsáveis pela renúncia de Richard Nixon da Presidência dos Estados Unidos, após a publicação de denúncias reveladas por uma misteriosa fonte identificada como "Garganta Profunda"⁵.

O poder da imprensa, em *Todos os homens do presidente*, reside num trabalho bem feito e comprometido eticamente, afinal todas as informações fornecidas pela fonte anônima são confirmadas por outras vozes. Por conta disso, o filme levanta uma questão que pode ser preocupante, caso a situação seja inversa: se a utilização de fontes anônimas em matérias investigativas, prática cada vez mais comum dentro das redações, não for feita de forma correta e com responsabilidade, pode levar a graves consequências, como acontece em *Ausência de Malícia*.

Produzido em 1981, *Ausência de Malícia* mostra como a imprensa tem o poder de mudar toda uma vida quando divulga informações imprecisas, resultado de um trabalho de apuração mal feito. Na trama, o empresário Michael Gallagher (Paul Newman) é apontado como suposto autor de um crime, tendo seu nome estampado numa manchete de jornal. A reportagem é de autoria da jovem jornalista Megan Carter (Sally Field) que, por nítida falta de experiência, é manipulada pelos investigadores. Além disso, ela se deixa envolver num caso amoroso com Gallagher, que a deixa dividida entre a responsabilidade de revelar algumas descobertas e o interesse em não prejudicar a pessoa por quem se apaixonou.

No decorrer da história, as consequências do fazer jornalístico descomprometido com os princípios éticos da profissão – o oposto do enredo apresentado anteriormente – geram uma série de infortúnios. Também revela como o poder da imprensa pode ser usado de maneira equivocada quando interesses pessoais são colocados acima da verdade.

Para complementar a primeira categoria de observação, *O informante*, lançado em 1999, retrata como os detentores do poder econômico são capazes de interferir na divulgação de noticiários de interesse coletivo. Baseado em fatos reais, o filme conta a história de um cientista, funcionário de uma empresa da indústria do tabaco, que descobre grandes males do consumo de cigarros.

Decidido a denunciar o que descobrira, o cientista Jeffrey Wigand (Russell Crowe) é ameaçado pelos advogados da empresa, que viam tal denúncia como um sinal

de crise para o ramo. O encontro com um produtor de TV, que tenta convencê-lo a se pronunciar em cadeia nacional, o faz refletir sobre sua responsabilidade perante a situação. Também é a partir desse momento, que Wigand se vê pressionado por dois lados.

De *O informante*, a lição que se tira é a do direito que a mídia possui de pressionar determinadas pessoas a se manifestarem a respeito de um assunto de grande impacto. Leva, portanto, à reflexão sobre até que ponto o poder da imprensa está a serviço do bem comum sem chegar à fronteira do sensacionalismo.

A segunda categoria destinada a esta discussão tem como mote a manipulação de informações e interferência nos fatos. Como primeiro exemplo, *A montanha dos sete abutres* questiona a criação de “factóides” como ferramenta para a promoção de jornalistas e de veículos de comunicação. Ao narrar a história de Charles Tatum (Kirk Douglas), em 1951, traz à tona um exemplo de trabalho antiético que, mais de meio século depois, ainda é lugar comum em algumas redações.

Como foi visto na revisão teórica deste estudo, percebe-se que, assim como a interferência de Tatum nos rumos do caso de Leo Minosa (Richard Benedict), que desapareceu dentro de uma mina e teve o fim de seu drama adiado por conta da ação do jornalista, outros casos demonstram que a imprensa, muitas vezes, se preocupa mais em ter o que noticiar, de forma sedutora, do que propriamente se posicionar de maneira responsável frente a problemas individuais ou coletivos.

Já em *Dias de fogo*, filme de 1969, John Cassellis (Robert Forster) é um jornalista especializado em reportagens investigativas sobre violência. No decurso de seu trabalho, ele descobre que os dirigentes do canal para o qual trabalha entregam suas gravações para ajudar o FBI a rastrear culpados por tensões raciais. Indignado com o que descobre, ele não aceita que a TV interfira nas investigações policiais e faz o possível para que seu trabalho não seja utilizado para fins imparciais.



Tal cenário leva a repensar o lugar que a mídia deve verdadeiramente ocupar na sociedade. O trabalho ético e correto não deve modificar o rumo dos acontecimentos, mas sim trazer à tona fatos que possam contribuir para que as autoridades competentes tomem providências por si mesmas.

Para finalizar a reflexão em torno da segunda categoria, *O preço de uma verdade*, exibido pela primeira vez em 2003, oferece uma lição sobre o que não é permitido fazer no jornalismo: inventar histórias. Revisitado anteriormente, um dos pilares da atividade pressupõe a veracidade dos fatos a serem relatados, sendo excluída qualquer possibilidade de haver um “jornalismo ficcional”.

A história de Stephen Glass (Hayden Christensen), que criava notícias e fontes para publicar belos textos na revista *The New Republic*, resgata tantas outras experiências que põe à prova a credibilidade de jornalista e de veículos da imprensa. Ao manipular e/ou inventar informações, o profissional conseguiu ascender dentro da redação, mas, quando foi desmascarado, de nada valeu seu trabalho.

Por meio dessas seis abordagens, é possível formular um olhar mais reflexivo sobre a temática proposta. As narrativas cinematográficas, além ilustrarem o debate, percorrem o universo da imprensa revelando detalhes do dia a dia dos jornalistas. Trata-se de um suporte midiático rico em detalhes, que pode ser utilizado como fio condutor para se pensar as relações éticas do jornalismo com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre jornalismo, ética e cinema não é tarefa tão simples para se resumir a poucas páginas de um artigo. O percurso sobre esse tema pode ser longo e muitas questões podem ser levantadas. No entanto, este trabalho não tem a pretensão de encerrar o assunto.

Os seis filmes analisados oferecem apenas uma sugestão de enredo para reflexões e debates sobre jornalismo e ética. Muitas outras obras cinematográficas podem ser contempladas com o mesmo objetivo, enriquecendo tal discussão.

Jornalismo é atividade social das mais sérias. Pode construir, assim como pode destruir, se não for praticado com lisura. Pensá-lo, portanto, é subsídio para a cobrança de um trabalho bem feito, a qual pode ser feita tanto pela mídia (no caso, o cinema), por meio de representações, quanto pela própria sociedade.

NOTAS

- 1 Neste trabalho, são abordados os filmes “A montanha dos sete abutres” (1951), “Dias de fogo” (1969), “Todos os homens do presidente” (1976), “Ausência de malícia” (1981), “O informante” (1999) e “O preço da verdade” (2003).
- 2 Pesquisador alemão, pioneiro nos estudos sobre jornalismo

entre as décadas 1910 e 1960. Publicou seis volumes sobre a ciência do jornalismo, embasados na idéia de que a imprensa é um produto cultural que reflete a realidade e o cotidiano da sociedade, com a qual tem sua maior responsabilidade.

- 3 Fonte: <http://www.melhoresfilmes.com.br> e <http://www.adorcinema.com.br>
- 4 O caso Watergate é considerado o maior escândalo político dos Estados Unidos, ocorrido em 1974, que culminou com a renúncia do presidente republicano Richard Nixon. À época, cinco homens foram presos tentando instalar aparelhos de escuta no comitê do partido democrata, localizado no edifício Watergate, em Washington. Daí o nome: caso Watergate.
- 5 Garganta Profunda teve sua identidade mantida em segredo por mais de 30 anos, revelando-se apenas em 2005, como William Mark Felt, na época diretor-adjunto do FBI.

REFERÊNCIAS

- BERGAN, R. Guia Ilustrado Zahar: Cinema. Trad. Carolina Alfarro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BERGER, C. Notas para uma história do newspaper movie. In: _____. (Org.). Jornalismo no cinema. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- BERNADET, J. C. O que é cinema. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BLÁZQUEZ, N. Ética e meios de comunicação. São Paulo: Paulinas, 1999.
- BUCCI, E. Sobre ética e imprensa. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- COSTA, L. M. Imprensa “moral” não é ética. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=351SAI001>>. Acesso em: 20 nov. 2007.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1987.
- KUNCZIK, M. Conceitos de jornalismo: norte e sul. São Paulo: Edusp, 2002.
- MARQUES DE MELO, J. Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão: Manti-queira, 2003.

Se quisesse

*Se quisesse juntar o que sobrou de mim seria fácil, pois foi
muito pouco que restou.
Hoje me refaço, me desfaço, me traço.
Se quisesse colar, desamassar, ensacar;
teria perdido tempo.
Hoje já me olho, recolho, embrulho e me entrego quase inteiro.
Se quisesse te amar, teria que esperar.
Amor tem forma, fome, sede.*

*do livro **Acontecência**.*



Foto: "Detalhes parisienses nº 34", Élcio Roefero

Jurandir Rodrigues

*Poeta, natural de Cachoeira Paulista.
Professor de Língua Portuguesa da Rede Pública Oficial do Estado de São Paulo. Pós-Graduado em
Estudos Literários pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, onde também fez a graduação.
Acontecência é o seu primeiro livro, lançado em 2010 pelo selo Vale
em Poesia, da editora Multifoco, Rio de Janeiro.*

ÍNDICE DA REVISTA ÂNGULO (102-123)



A

ABEL, Brutus. Sinopse da telenovela. Nº 102, p.42-44, abr.-jun. 2005.

ABUMANSSUR, Edin Sued. Relação entre a iconoclastia e a arte abstrata. Nº103, p.52-57, jul.-dez. 2005.

ADDEO, Walter Cezar. A tecelagem do feminino. Nº110, p.13-14, jul.-set. 2007.

_____. Bertolucci solta sua ave de Minerva: “os sonhadores”. Nº 108, p.41-44, jan.-mar. 2007.

_____. “Closer – perto demais” ou a mulher inexistente. Nº 107, p.09-11, out.-dez. 2006.

_____. Inventário de sentimentos. Nº 104, p.34-36, jan.-mar. 2006.

_____. Novamente a lei de Antígona: “Volver” de Almodóvar. Nº 116, p.42-43, jan.-mar. 2009.

_____. O perfeito amigo dos jovens. Nº114, p.32-33, jul.-set. 2008.

_____. Os sapatinhos tortos de Lars Von Trier: O Anticristo. Nº123, p.58-60, jul.-dez. 2010.

_____. Uma festa para os olhos. Nº110, c/c, jul.-set. 2007.

ALBARELLI, Juliana Queiroz; SANTOS, Diego Tresinari dos. Aplicabilidade da EAD no desenvolvimento de tecnologias sociais. Nº116, p.21-24, jan.-mar. 2009.

ALICE, Mauro. O beijo da mulher aranha: a conversão da vontade: uma tragédia contemporânea. Nº 105, p.07-10, abr.-jun. 2006.

ALLEGRO, Alzira Leite Vieira. “O desconhecido” de Katherine Mansfield: uma cena de desencontro. Nº 117/18, p.32-37, 2009.

_____. “Viagem a Petrópolis”: uma voz que fala em silêncio. Nº111, p.19-26, out.-dez. 2007.

ALMEIDA, Lélia. Linhagens e ancestralidade na literatura de autoria feminina. Nº 117/18, p.11-17, 2009.

ALMEIDA, Rogério de. Os labirintos da representação na obra de Patrício Dugnani. Nº119, p.17-19, out.-dez. 2009.

AMÂNCIO, Moacir. O cão de botas. Nº120, p.41-46, 2010.

AMARAL, Emília. Autoria/autonomia na obra de Clarice Lispector: uma leitura do conto “Os desastres de Sofia.” Nº111, p.06-12, out.-dez. 2007.

_____. Crime e castigo em “Les bienveillantes”, de Jonathan Littell. Nº120, p.62-67, 2010.

ANDRADE, Antonio Carlos Argollo. O Convênio de Taubaté. Nº 105, p.31-33, abr.-jun. 2006.

ANTUNES NETO, Raul. A condição humana na poesia de Ordes Fontela. Nº117/18, p.106-110, 2009.

ARCHANJO, Neide. A mulher, a poesia e o amor. Nº 102, p.27-36, abr.-jun. 2005.

ASLONOV, Cyril. A deseuropeização da paisagem lingüística israelense, 1948-2000. Nº120, p.10-17, 2010.

ASSIS, Francisco de; RODRIGUES, Leonardo Jurado. Jornalismo e ética no cinema: roteiros para uma discussão. Nº123, p.72-78, jul.-dez. 2010.

ASSUMPÇÃO, Pablo. Fotografia e performance: o retrato votivo em Juazeiro do Padre Cícero. Nº109, p.16-22, abr.-jun. 2007.

AZEVEDO, Laíla Fleury de. Da finitude e da esperança: um estudo sobre a velhice em Clarice Lispector e Mia Couto. Nº 121/22, p.20-26, abr.-set. 2010.

AZEVEDO, Sílvia Maria. Machado de Assis, entre o teatro e o conto. Nº113, p.76-84, abr.-jun. 2008.

B

BAPTISTA, Mayra Teixeira. Interdisciplinaridade e educação. Nº 106, p.34-39, jul.-set. 2006.

_____. Jogos teatrais um espaço de negociação. Nº119, p.43-47, out.-dez. 2009.

BARRETO, Luciana. Aragem do sagrado, absoluto sertão. Nº 121/22, p.52-57, abr.-set. 2010.

_____. Entre os passos da paixão e o inferno de Dante: transcendência e transfiguração em “Rútilo Nada”, de Hilda Hilst. Nº117/18, p.93-99, 2009.

BASTAZIN, Vera. Artifício e espontaneidade: a dança escritural do conto Machadiano. Nº113, p.28-34, abr.-jun. 2008.

BAZ REYES, Héctor Luis. “Circe” o El encanto de la viuda negra: un cuento de Julio Cortázar. Nº 121/22, p.73-79, abr.-set. 2010.

BECKER, Nilza de Campos. L’inquiétante étrangeté chez Nadja d’André Breton. Nº 121/22, p.42-46, abr.-set. 2010.

BERGAMIN, Cláudia Regina. Deuses do Olimpo e manos da periferia. Nº 104, p.07-11, jan.-mar. 2006.

BOROWSKI, Cristine. A cognição como ciência. Nº 121/22, p.99-102, abr.-set. 2010.

_____. Antropofagia ontem e hoje. Nº 102, p.16-18, abr.-jun. 2005.

_____. Notas sobre Marguerite Yourcenar ou “Tratados sobre vãos combates.” Nº117/18, p.75-77, 2009.

BRASIL, Alexia. Cordel: imaginação, imagem e integração. Nº109, p.33-38, abr.-jun., 2007.

BREGALDA, Tarcísio. Enigma do nada. Nº 104, p.17, jan.-mar. 2006.

_____. Inventário das lembranças. Nº119, p.48, out.-dez. 2009.

_____. O que ficou. Nº119, 2ª capa, out.-dez. 2009.

_____. Sabor de quero mais. Nº 108, p.09, jan.-mar. 2007.
BRITO, Ênio José da Costa. O desejo que remete ao mistério. Nº 102, p.01-03, abr.-jun. 2005.

_____. Pelotas, uma cidade escravista. Nº 106, p.18-20, jul.-set. 2006.

_____. O símbolo: chave do diálogo entre culturas. Nº114, p.14-16, jul.-set. 2008.

BRITO, Paulo Marcos Falco de. A conquista da liberdade. Nº 108, p.23-28, jan.-mar. 2007.

C

CAMARA, Elisabete Vieira. À deriva da existência: Clarice Lispector e Virginia Woolf. Nº111, p.54-59, out.-dez. 2007.

CAMARGO, Jeferson. A crítica feminista de Virgínia Woolf. Nº117/18, p.70-74, 2009.

CARA, Salete de Almeida. A crônica ficcional de Machado de Assis. Nº113, p.63-69, abr.-jun. 2008.

CARDOSO, Elizabeth da Penha. Miudezas temporais em Inácio, de Lúcio Cardoso. Nº 107, p.17-21, out.-dez. 2006.

_____. Seres predestinados ao mal: as personagens femininas e a família na prosa de Lúcio Cardoso. Nº 121/22, p.06-15, abr.-set. 2010.

_____. Temas de amizade e literatura nas missivas de Lúcio Cardoso e Clarice Lispector. Nº111, p.60-66, out.-dez. 2007.

CARVALHO, Cleuza Martins de. A arte das Mandalas: exposição realizada em novembro de 2005, pelo Núcleo de Pesquisas Artísticas da FATEA – Lorena. Nº 104, p.23-25, jan.-mar. 2006.

_____. A arte de Paulino da Luz. Nº112, p.34-35, jan.-mar. 2008.

_____. Mandalas – Glorilza. Nº 112, p.15-17, jan.-mar. 2008.

_____. Imemorados – Maria Aparecida Machado. Nº112, p.20-27, jan.-mar. 2008.

CARVALHO, Gilmar de. O ponto do bordado. Nº109, p.46-49, abr.-jun. 2007.

CARVALHO, Marcio Marconato de. Gêneros do discurso no contexto da mídia digital. Nº 105, p.11-15, abr.-jun. 2006.

_____. De Cronos ao claustro: imagens da velhice em Clarice Lispector e Mía Couto. Nº111, p.72-75, out.-dez. 2007.

_____. O último encontro com Clarice. Nº 121/22, p.109-120, abr.-set. 2010.

CASTELHANO, Valdete Júlio de Carvalho; JORDÃO, Teresa Cristina. A educação a distância encurtando a distância. Nº 108, p.10-17, jan.-mar. 2007.

CASTELLO BRANCO, Leniza. Machado e a música. Nº113, p.51-53, abr.-jun. 2008.

CAVALCANTE, Carmem Luisa Chaves. Vilela e o kitsch do

Vale do amanhecer. Nº119, p.32-35, out.-dez. 2009.

CEZAR, Ligia Sagio. Lidando com imagens em educação: desafios e perspectivas. Nº 105, p.34-40, abr.-jun. 2006.

CHAVES, Rita. Guimarães Rosa: do sertão às savanas. Nº 115, p.136-143, out.-dez. 2008.

CHINELLATO, Thaís Montenegro. Iconografia do estranhamento: alegorias de uma pintura do século XVII. Nº 121/22, p.80-90, abr.-set. 2010.

COLAR, Denise. Portinari & Rivera: dois artistas; um objetivo. Nº110, p.35-42, jul.-set. 2007.

CORVACHO, Suely. O duplo em “Estórias Nº3” de Guimarães Rosa. Nº 115, p.144-149, out.-dez. 2008.

COSTA, Erick Gontijo. Escrever, dosar o amor: a textualidade de Maria Gabriela Llansol. Nº 117/18, p.46-49, 2009.

COUTINHO, Eduardo F.. O “logos” e o “mythos” no universo narrativo de Grande sertão: veredas. Nº 115, p.58-65, out.-dez. 2008.

CRUZ, Renato de Araújo. Errância escrita: uma leitura das definições em A paixão segundo G. H. Nº111, p.98-104, out.-dez. 2007.

_____. O saber da espera. Nº 115, p.127-135, out.-dez. 2008

CUNHA, Cilaine Alves. Peregrinações da ironia romântica de Machado de Assis. Nº113, p.35-43, abr.-jun. 2008.

D

DANTAS, Maria Luzia. Características do pensar tipicamente filosófico. Nº 104, p.05-06, jan.-mar. 2006.

_____. Do pensamento originário ao pensamento metafísico. Nº103, p.46-51, jul.-dez. 2005.

_____. Houve uma filosofia abstraída da teologia cristã na Idade Média? Nº 105, p.41-43, abr.-jun. 2006.

_____. Platão e o conhecimento. Nº 104, p.37-39, jan.-mar. 2006.

_____. Primeiros ruídos da manhã... Nº 102, p.19, abr.-jun. 2005.

_____. Superação da metafísica em Heidegger. Nº 107, p.33-38, out.-dez. 2006.

DEBS, Sylvie. La representation du “sertanejo” dans la littérature et au cinema: de la dimension régionale à la projection nationale. Nº109, p.53-64, abr.-jun. 2007.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. O erro trágico de Cathy em O morro dos ventos uivantes, de Emily Brontë. Nº 117/18, p.23-31, 2009.

DINIZ NETO, Artur. Garcia Lorca, ou a morte num “dia perpétuo.” Nº103, p.11-13, jul.-dez. 2005.

_____. A tirania da inteligência. Nº 102, p.14-15, abr.-jun. 2005.

DUARTE, Lélia Pereira. Miguilim, de “Campo geral”: testemu-

nho e criatividade. Nº 115, p.96-103, out.-dez. 2008.

DUGNANI, Patricio. Com Jim Morrison "Live let pie". Nº103, p.08-10, jul.-dez., 2005.

F

FABIANO, Maria Isbella Maia. Carnaval de rua em Guaratinguetá. Nº 104, p.26-28, jan.-mar. 2006.

_____. Inês uma história romântica. Nº 102, p.40, abr.-jun.2005.

_____. Memória do Papa João Paulo II em Guaratinguetá. Nº103, p.18-20, jul.-dez. 2005.

FAGUNDES, Joaquim Roberto. Mulheres anônimas e independentes em Guaratinguetá: século XIX. Nº 116, p.44-46, jan.-mar. 2009.

FELDMAN, Cláudio. Água clara. Nº 104, p.01-04, jan.-mar. 2006.

_____. Cavalos. Nº 105, p.44, abr.-jun. 2006.

_____. Monsieur Verdoux, anticarlitos. Nº114, p.28-31, jul.-set. 2008.

FIDALGO, Sueli Salles. Ensino de lingual e avaliação de ensino-aprendizagem: uma possibilidade na perspectiva sócio-histórico-cultural. Nº123, p.42-49, jul.-dez. 2010.

_____. For social inclusion through literary work, follow the rabbit-proof fence to the wintamarra tree. Nº 117/18, p.38-45, 2009.

FIGUEIREDO, Luís Felipe; ROEFERO, Élcio Luís. De incestos e obsessões: "Album de família", de Nelson Rodrigues. Nº 121/22, p.63-72, abr.-set. 2010.

FIGUEIREDO, Toni. César Roldão Vieira. Nº103, p.58-60, jul.-dez. 2005.

FIGUEROA, Júlio Vitorino. Humor: uma estratégia comunicacional do grupo literário Padaria Espiritual. Nº116, p.05-08, jan.-mar. 2009.

FISCHER, Luís Augusto. Machado e Borges, vizinhos. Nº113, p.93-97, abr.-jun. 2008.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. Clarice Lispector: o rio que deságua na fonte. Nº111, p.13-18, out.-dez. 2007.

FORTUNA, Marlene. Reflexões críticas sobre as mídias: pensamento ou encantamento nas mídias televisiva e digital. Nº114, p.23-28, jul.-set. 2008.

_____. Século XXI: a arte como fetiche na sociedade do pós-humano. Nº 121/22, p.91-98, abr.-set. 2010.

FREITAS, Renata Aparecida de. Comunicação e interculturalidade: um novo olhar para o ensino de espanhol/Le. Nº123, p.34-41, jul.-dez. 2010.

G

GAC-ARTIGAS, Priscilla. La cocina: de cerrado espacio de servidumbre a abierto espacio de creación. Nº 117/18, p.18-22, 2009.

GALHARTE, Julio Augusto Xavier. Olho o oco, o opaco, o oposto no ovo: uma leitura de "O ovo e a galinha". Nº111, p.67-71, out.-dez. 2007.

GOMES, José Ney Costa. Narrativa identitária do Brasil por Gilberto Freyre. Nº119, p.10-16, out.-dez. 2009.

GORNI, Luiz Fernando. Representação bidimensional na construção de mosaicos. Uma proposta de modelos físicos na comemoração dos 50 anos da FATEA. Nº 104, p.18-22, jan.-mar. 2006.

GOULART, Audemaro Taranto. "Pirlimpingueiro": o pó mágico da psique infantil. Nº 115, p.24-31, out.-dez. 2008.

GROVAS, Victor. Eusebio Vela y teatro del siglo XVIII en Mexico: La visión del indígena como otro. Nº114, p.06-13, jul.-set. 2008.

_____. Sor Juana dramaturga: La máscara del outro y el eco del yo. Nº117/18, p.78-83, 2009.

GUIMARÃES, Dodora. Iracemarias. Nº109, p.28-32, abr.-jun. 2007.

GURPILHARES, Marlene Sardinha; LUCAS, Jeane. A gramática tradicional numa abordagem pragmático-discursiva. Nº 106, p.06-17, jul.-set. 2006.

H

HAZIN, Elizabeth. Como o segredo de um cofre (Reflexões acerca de uma personagem feminina em Osman Lins). Nº 121/22, p.47-51, abr.-set. 2010.

HIGASHI, Shizuko. Da natureza e canto a Apolo o texto filosófico: poema de Parmênides. Texto literário: o hino a Apolo. Nº 102, p.37-41, abr.-jun. 2005.

HIRSCHBRUCH, Anita Miriam. Ensaio fotográfico sobre A maçã no escuro. Nº111, p.03-05, out.-dez. 2007.

HÖFFLER, Angélica. O céu na terra da Mãe de Deus: para um estudo das paredes dedicadas ao Sagrado Coração de Jesus, em Juazeiro do Norte. Nº109, p.11-15, abr.-jun. 2007.

HOMEM, Maria Lucia. Sopro de vida e de espírito. Nº111, p.88-91, out.-dez. 2007.

I

IANELLI, Mariana. Por uma poética do feminino. Nº 117/18, p.08-10, 2009.

IANNACE, Ricardo. A história de um capítulo malogrado ou as manhas do alinhavo: Memórias póstumas de Brás Cubas. Nº113, p.24-26, abr.-jun. 2008.

_____. Livro in tela: a Imitação... Nº111, p.105-111, out.-dez. 2007.

J

JOBIM, José Luis et al. X Congresso Internacional da ABRALIC. Nº 106, p.01-04, jul.-set. 2006.

JORDÃO, Teresa Cristina; CASTELHANO, Valdete Júlio de Carvalho. A educação a distância encurtando a distância. Nº 108, p.10-17, jan.-mar. 2007.

JOSÉ LUIZ PASIN: um líder cultural. Nº114, p.34-35, jul.-set. 2008.

JUNQUEIRA, Maria Aparecida. Machado de Assis e seu projeto crítico-literário. Nº113, p.86-91, abr.-jun. 2008.

K

KAHN, Daniela Mercedes. "A menor mulher do mundo", de Clarice Lispector e a desmistificação do discurso da colonização. Nº111, p.27-33, out.-dez. 2007.

KANAAN, Dany Al-Behy. Da 'estética da dor' à 'estética da existência': à escuta de Clarice Lispector. Nº111, p.34-47, out.-dez. 2007.

KATZENSTEIN, Tamara Vivian. DVD – registro do teatro: criação ou cópia? Um estudo de caso. Nº 107, p.12-16, out.-dez. 2006.

KIRSCHBAUM, Saul. Ruth Klüger: uma autobiografia contra a indolência do esquecimento. Nº120, p.54-60, 2010.

KRAUSZ, Luis S. Victor Klemperer e a restauração da língua alemã no pós-guerra. Nº120, p.48-52, 2010.

KUNTZ, Maria Cristina Vianna. O enigma de Anne-Marie Stretter em Le vice-consul, de Marguerite Duras. Nº117/18, p.60-65, 2009.

L

LANDA, Dora. Philip Roth e a História judaica: uma relação em movimento. Nº120, p.80-84, 2010.

LEONEL, Maria Célia. Guimarães Rosa na narrativa brasileira. Nº 115, p.113-121, out.-dez. 2008.

LIMA, Luiz Eduardo Corrêa. A verdadeira questão ambiental. Nº103, p.14-17, jul.-dez. 2005.

_____. Os 200 anos de Darwin, os 150 da Origem das espécies e a importância de Wallace. Nº 116, p.38-41, jan.-mar. 2009.

_____. Particularidade do ensino de ciências. Nº 107, p.01-05, out.-dez. 2006.

_____. Transposição das águas: um ensaio teórico sobre essas situações ambientalmente perigosas. Nº123, p.66-71, jul.-dez. 2010.



LIPPOLIS, Enrico. Grande sertão: veredas: o sertão como símbolo do inconsciente. Nº 115, p.73-81, out.-dez. 2008
LOMAN, Lília. A menina em Lá: o absoluto bipolar de Maria Regina. Nº113, p.44-49, abr.-jun. 2008.

LUCAREZZI, Anderson Mezzarano. Poesia/risco: análise dos manuscritos de "Poetamentos", de Augusto de Campos. Nº123, p.14-21, jul.-dez. 2010.

LUCAS, Jeane; GURPILHARES, Marlene Sardinha. A gramática tradicional numa abordagem pragmático-discursiva. Nº 106, p.06-17, jul.-set. 2006.

LUCAS, Jeane; ROLANDO, Rodolfo Meissner. Presença do Arcadismo na atualidade. Nº110, p.04.12, jul.-set. 2007.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. Aproximação entre a infografia e a cultura popular. Nº109, p.39-45, abr.-jun. 2007.

M

MAIA, Thereza Regina de Camargo. O cotidiano de uma fazendeira. Nº 108, p.29-30, jan.-mar. 2007.

_____. Presença de Euclides da Cunha em Guaratinguetá. Nº123, p.63-65, jul.-dez. 2010.

MANDELBAUM, Enrique. Uma fenda para o inusitado: a literatura de Isaac Bashevis Singer. Nº120, p.86-100, 2010.

MARÇOLLA, Bernardo Andrade. Cavalos, cavaleiros, centauros: uma perspectiva transpessoal em Grande Sertão: Veredas. Nº 115, p.32-39, out.-dez. 2008.

MARTINS, Gilberto Figueiredo. O mundo dos outros: dados preliminares para um trabalho de cartografia (leitura de A hora da estrela). Nº111, p.134-144, out.-dez. 2007.

MATOS, Edilene. Machado de Assis: ficção e circunstância. Nº113, p.70-75, abr.-jun. 2008.

MELO, Adilson da Silva; ZAMBONI, Milton José. O pensamento weberiano, sua amplitude e inserção no pensamento contemporâneo nas ciências sociais. Nº123, p.50-57, jul.-dez. 2010.

MENESES, Adélia Bezerra de. Erotismo e transgressão: o pathos amoroso em Noites do sertão de Guimarães Rosa. Nº 115, p.08-16, out.-dez. 2008.

MORAIS, Márcia Marques de. Cismas do sertão: etimologia, mentonímias e metáforas na inscrição identitária do jagunço rosiano. Nº 115, p.104-112, out.-dez. 2008.

MOREIRA, Moacyr Godoy. O mal-estar em Clarice Lispector: estudo do conto "Os obedientes". Nº111, p.92-97, out.-dez. 2007.

MOREIRA, Walter. Interação, interatividade, presença e ausência em processos de ensino-aprendizagem a distância. Nº110, p.20-26, jul.-set. 2007.

MONTUORI, Carla. Imagem e sentido: um estudo sobre o significado do cenário de apresentação do Jornal Nacional. Nº103, p.33-44, jul.-dez. 2005.

N

NASCEU-NOS UM MENINO. CHEGOU A ADMIRAÇÃO. Nº 107, p.24-25, out.-dez. 2006.

NOLASCO, Edgar Cézar; OLIVEIRA, Marcos Antônio de. Clarice Lispector escritora/pintora: uma história artística em movimento na década de 70. Nº111, p.76-81, out.-dez. 2007.

O

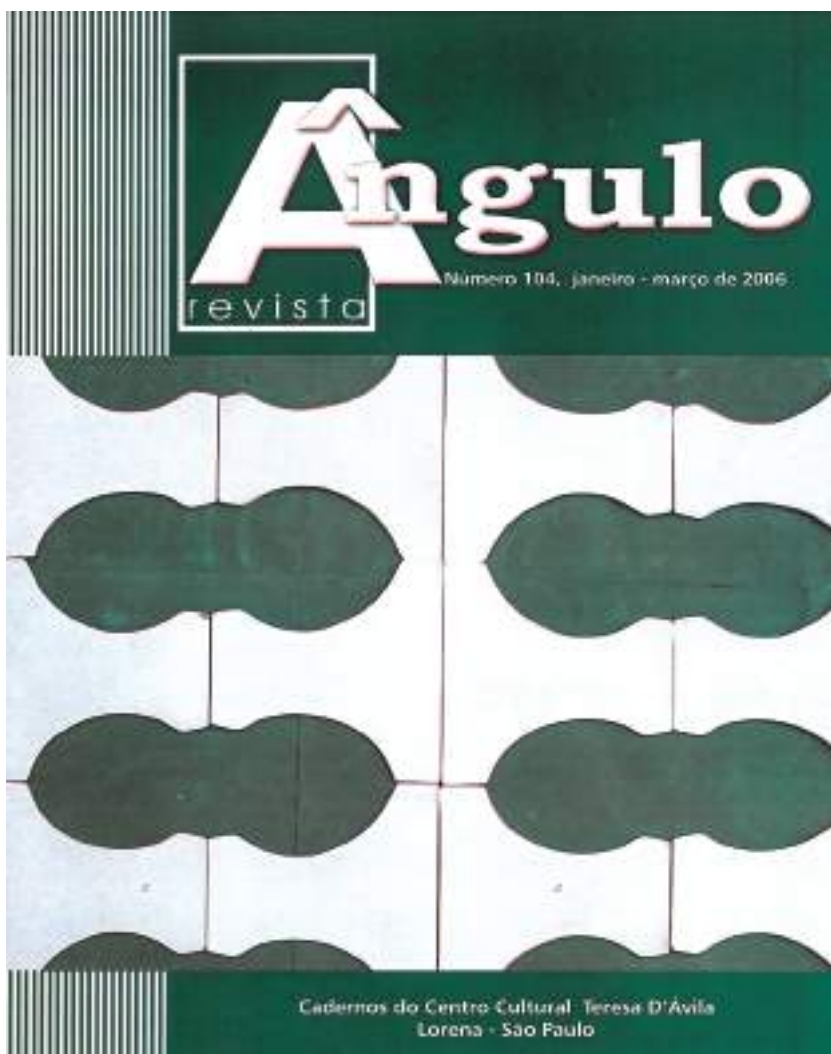
OLIVEIRA, Ivone Brandão de. "Minha alma tem sede de Deus" (Sl 42 e 43). Nº116, p.29-35, jan.-mar. 2009.

_____. Salmo 134. Nº119, p.36-39, out.-dez. 2009.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. Memórias póstumas de Brás Cubas: do clássico ao digital. Nº113, p.10-15, abr.-jun. 2008.

OLIVEIRA, Marcos Antônio de; NOLASCO, Edgar Cézar. Clarice Lispector escritora/pintora: uma história artística em movimento na década de 70. Nº111, p.76-81, out.-dez. 2007.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio Wellington de. Sebastiana: leituras sobre as ordens penitentes no Cariri. Nº109, p.50-52, abr.-jun. 2007.



ORIONE, Eduino José. O drama barroco em "A terceira margem do rio". Nº 115, p.66-72, out.-dez. 2008.

_____. História, mito e paródia no romance de Lídia Jorge. Nº 117/18, p.55-59, 2009.

_____. Paisagens – Deise Carelli. Nº 112, p.11-12, jan.-mar. 2008.

OXISQUE, Sonia Menezes. O domínio psíquico do arquétipo paterno em "Carta ao meu pai" de Kafka e "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa. Nº 123, p.06-10, jul-dez. 2010.

P

PACHECO, Ana Paula. Jagunços e homens livres pobres: lugar do mito no Grande Sertão. Nº 115, p.17-23, out.-dez. 2008.

PALO, Maria José. A poética do autobiografismo na modernidade da obra de Machado de Assis. Nº113, p.17-2308, abr.-jun. 2008.

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. Grande serão: veredas: no redemunho das cantigas. Nº 115, p.48-57, out.-dez. 2008.

PEIXOTO, Lina Tâmega. O êxtase místico em Solombra. Nº117/18, p.121-125, 2009.

PEREIRA, Maria de Fátima. O romance pós-moderno brasileiro. Nº 102, p.09-13, abr.-jun. 2005.

PEREIRA, Thalliane Weber; ROEFERO, Élcio Luís. Descida aos subterrâneos: "Memórias do subsolo", de F. Dostoiévski, à luz do "Mal estar na civilização", de S. Freud. Nº123, p.22-33, jul.-dez. 2010.

PIERRE, Arnaud. O insubstituível Brito Broca. Nº119, p.08-09, out.-dez. 2009.

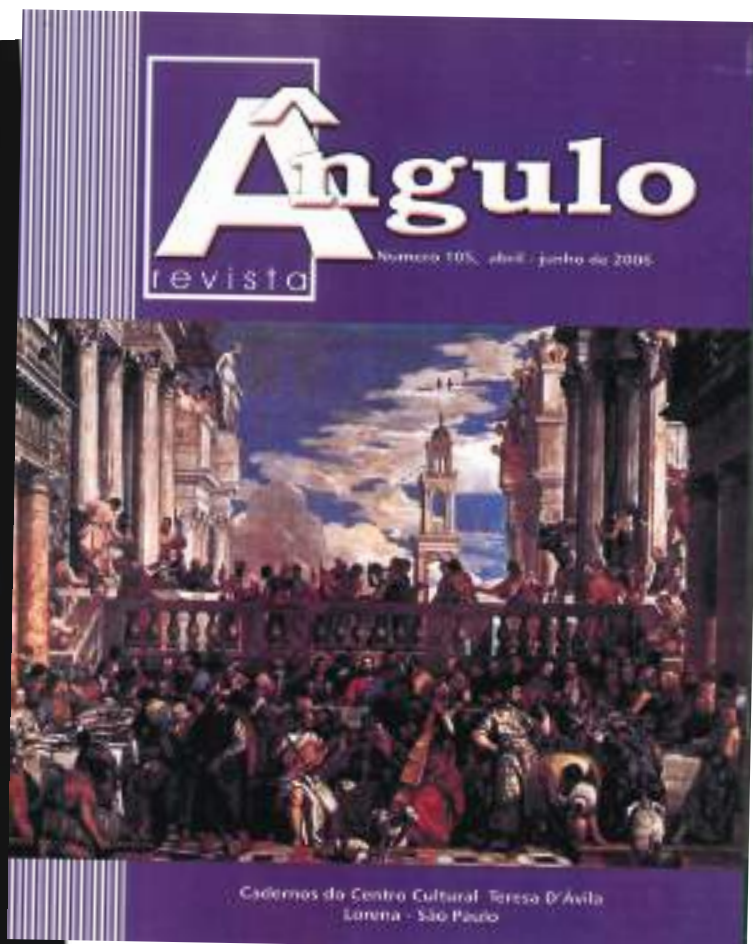
PINA, Paulo Vinícius de Omena. A configuração do sombrio nos quadrinhos. Nº 121/22, p.103-108, abr.-set. 2010.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael. O trono e a ritualização da memória afro-cubana. Nº109, p.04-10, abr.-jun. 2007.

POSTAL, Ricardo. Um homem à beira do abismo: o sujeito romântico. Nº 121/22, p.27-32, abr.-set. 2010.

R

RAMOS, Jacqueline. A perspectiva cômica em Tutaméia. Nº 115, p.89-95, out.-dez. 2008.



RAMPI, Dorcelina de Fátima. História da educação brasileira – resenha. Nº 107, p.44-48, out.-dez. 2006.

REGIS, Sônia. A funcionalidade da arte no pensamento de Mário de Andrade. Nº114, p.41-45, jul.-set. 2008.

_____. A radicalidade poética de Gertrude Stein. Nº 107, p.39-43, out.-dez. 2006.

_____. Uma escritora amadora. Nº111, p.112-115, out.-dez. 2007.

_____. Uma geração esgarçada. Nº117/18, p.111-114, 2009.
REINALDO, Gabriela. A cura pela palavra: Aristeu e Guimarães Rosa. Nº 115, p.82-88, out.-dez. 2008.

REIS, Ivan D. Oliveira; SILVA, Shirley Cabarite; SILVA, Katcilene Vieira da. A gíria no cotidiano escolar adolescente. Nº116, p.25-28, jan.-mar. 2009.

REIS, Rutzkaya Queiroz dos. Machado de Assis poeta. Nº113, p.55-61, abr.-jun. 2008.

RETZ, Raquel de Godoy. Avaliação Institucional: uma reflexão sobre os conceitos de avaliação e as categorias do materialismo dialético. Nº 108, p.18-22, jan.-mar. 2007.

RETZ, Raquel de Godoy; SÁ, Olga de. “O homem sem qualidades”: modernidade e identidade. Nº 107, p.27-31, out.-dez. 2006.

RIBEIRO, Lilian dos Santos Silva. La cuestión Del libre albedrío em El burlador de Sevilla. Nº 121/22, p.16-19, abr.-set. 2010.
RIEDL, Titus. A morte transformada em vida: caso da foto-pintura. Nº109, p.23-27, abr.-jun. 2007.

RODRIGUES, Elisabete Alfeld. Machado em novas versões: o conto no audiovisual. Nº113, p.98-104, abr.-jun. 2008.

RODRIGUES, Jurandir. Se quisesse. Nº123, p.79, jul.-dez. 2010.

RODRIGUES, Leonardo Jurado; ASSIS, Francisco de. Jornalismo e ética no cinema: roteiros para uma discussão. Nº123, p.72-78, jul.-dez. 2010.

ROEFERO, Elcio Luís. Cenas da infância ou modulações do desejo e da dor: dois contos de Clarice Lispector. Nº111, p.48-53, out.-dez. 2007.

_____. Da viagem: amor e perda – anotações à margem de poemas de Elizabeth Bishop pu “The art of losing isn’t hard to master”. Nº117/18, p.84-92, 2009.

_____. “Decifra-me ou devoro-te” (Breves anotações sobre a contribuição psicanalítica à análise do objeto literário). Nº 121/22, p.33-38, abr.-set. 2010.

ROEFERO, Elcio Luís; FIGUEIREDO, Luís Felipe. De incestos e obsessões: “Album de família”, de Nelson Rodrigues. Nº 121/22, p.63-72, abr.-set. 2010.

ROEFERO, Elcio Luís; PEREIRA, Thalliane Weber. Descida aos subterrâneos: “Memórias do subsolo”, de F. Dostoiévski, à luz do “Mal estar na civilização”, de S. Freud. Nº123, p.22-33, jul.-dez. 2010.

ROEFERO, Elcio Luís. Uma aprendizagem ou O livro de Sofia. Nº 106, p.27-33, jul.-set. 2006.

ROLANDO, Rodolfo Meissner; LUCAS, Jeane. Presença do Arcadismo na atualidade. Nº110, p.04.12, jul.-set. 2007.

ROSENBAUM, Yudith. Clarice e o perigo de viver. Nº111, p.116-119, out.-dez. 2007.

_____. Guimarães Rosa e o canto da desrazão. Nº 115, p.150-158, out.-dez. 2008.

ROZENCHAN, Nancy. Do estudo aos sabores do Oriente: um ângulo da literatura hebraica contemporânea. Nº120, p.27-37, 2010.

S

SÁ, Olga de. A capela da PUC: uma leitura. Nº 105, p.01-06, abr.-jun. 2006.

_____. A “chamada” literatura feminina. Nº103, p.01-07, jul.-dez. 2005.

_____. Análise literária: percursos básicos. Nº110, p.15-19, jul.-set. 2007.

_____. A narrativa e seus avessos: o inacreditável. Nº 115, p.122-126, out.-dez. 2008.

_____. Ave, Cora Coralina. Nº 121/22, p.39-41, abr.-set. 2010.

_____. Cavernas de luz, de Murilo Mendes. Nº 123, p.11-13, jul.-dez. 2010.

_____. 100 anos de João Guimarães Rosa. Nº 115, p.05-07, out.-dez. 2008.

_____. Editorial. Nº 121/22, p.05, abr.-set. 2010.

_____. Editorial. Nº 123, p.06, jul.-dez. 2010.

_____. Editorial: Ângulo especial Clarice Lispector. Nº111, p.05, out.-dez. 2007.

_____. Editorial: Ângulo especial. Nº109, c/c, abr.-jun. 2007.

_____. Editorial: Faces femininas da literatura. Nº 117/18, p.06-07, 2009.

_____. Intertexto – Gladys Filippo. Nº 112, p.13-14, jan.-mar. 2008.

_____. Machado: cem anos. Nº113, p.05-08, abr.-jun. 2008.

_____. Núcleo de arte contemporânea. Nº 112, p.05-10, jan.-mar. 2008.

_____. “Olhe esta samambaia” (Ermelinda). Nº117/18, p.115-119, 2009.

_____. O ovo e a galinha. Nº 106, p.21-26, jul.-set. 2006.

_____. O tempo imaginário da ficção: Clarice Lispector. Nº 108, p.04-08, jan.-mar. 2007.

_____. Para que filosofia? Para que literatura? Nº116, p.13-18, jan.-mar. 2009.

_____. Passarela. Nº103, p.45, jul.-dez., 2005.

_____. Pode uma poética ser revolucionária e anti-autoritária? Nº 104, p.29-33, jan.-mar. 2006.

_____. Psicanálise e literatura: a mediação da linguagem. Nº 102, p.20-26, abr.-jun.2005.

_____. Psicanálise e prazer estético. Nº119, p.04-07, out.-dez. 2009.

_____. Revista Ângulo – 30 anos. Nº114, p.05, jul.-set. 2008.

_____. Setembro negro (11 de setembro de 2002). Nº114, c/c, jul.-set. 2008.

_____. Somos seres úmidos e salgados: Clarice Lispector. Nº111, p.126-133, out.-dez. 2007.

_____. Suenaga e Jardineiro. Nº 106, p.44, jul.-set. 2006.

SÁ, Olga de; RETZ, Raquel de Godoy. “O homem sem qualidades”: modernidade e identidade. Nº 107, p.27-31, out.-dez. 2006.

SANT’ANNA, Jacqueline Britto. A voz da subalternidade e seu poder no discurso poético de Noémia de Sousa. Nº117/18, p.66-69, 2009.

SANTOS, Diego Tresinari dos; ALBARELLI, Juliana Queiroz. Aplicabilidade da EAD no desenvolvimento de tecnologias sociais. Nº116, p.21-24, jan.-mar. 2009.

SANTOS, Maria Luzia de Paula. Antigos pintores de Guaratinguetá. Nº119, p.40-42, out.-dez. 2009.

SAPUCAHI, Mário Lúcio. Saint-Hilaire visita o Vale do Paraíba – 1822. Nº110, p.19-20, jul.-set. 2007.

SAVARY, Olga. O rei dos lençóis. Nº116, p.05-08, jan.-mar. 2009.

SENA, Paulo Sérgio de. Área natural protegida. Uma cesta básica para o desejo de consumo ocidental. Nº 108, p.45-48, jan.-mar. 2007.

_____. Metáforas da biologia III. Nº 102, p.07-08, abr.-jun.2005.

_____. Metáforas da biologia IV. Nº 104, p.01-04, jan.-mar. 2006.

_____. Metáforas da biologia V. Nº 105, p.28-30, abr.-jun. 2006.

_____. Mitose e meiose: manutenção das características e gestão das diferenças. Nº114, p.46-48, jul.-set. 2008.

SILVA, Katcilene Vieira da; SILVA, Shirley Cabarite da; REIS, Ivan D. Oliveira. A gíria no cotidiano escolar adolescente. Nº116, p.25-28, jan.-mar. 2009.

SILVA, Katiucia Barboza da. A jogada, jogada. Nº 106, p.05, jul.-set. 2006.

SILVA, Lilian dos Santos. O alienista e a crítica ao cientificismo do século XIX. Nº 107, p.06-08, out.-dez. 2006.

SILVA, Maria das Graças Gomes Villa da. Clarice Lispector e Alice Munro: o trabalho com a memória e a escritura. Nº111, p.82-87, out.-dez. 2007.

_____. Meneseteung, de Alice Munro: um jogo narrativo entre ficção e metaficção. Nº 117/18, p.50-54, 2009.

SILVA, Maria Emília Martins da. Amor, ódio e exclusão em As mulheres de Tijucopapo, de Marilene Felinto. Nº117/18, p.100-105, 2009.

_____. Gêneros movediços: o plurilinguismo baktiniano no conto “O homem da Areia”, de E. T. A. Hoffmann. Nº 121/22, p.58-62, abr.-set. 2010.

SILVA, Shirley Cabarite da; REIS, Ivan D. Oliveira; SILVA, Katcilene Vieira da. A gíria no cotidiano escolar adolescente. Nº116, p.25-28, jan.-mar. 2009.

SIQUEIRA, Ailton. Clarice Lispector: que mistério tem Joãozinho. Nº116, p.09-12, jan.-mar. 2009.

_____. Sintomas de solidão. Nº103, p.21-28, jul.-dez. 2005.

SIQUEIRA, Sônia. Absorção, reflexo? Nº 106, p.40-43, jul.-set. 2006.

_____. Absorção, reflexo? Maria Nilze. Nº112, p.28-31, jan.-mar. 2008.

_____. “A arte é uma harmonia paralela à natureza”. Nº 108, p.31-35, jan.-mar. 2007.

_____. Deméter e Perséfone: várias faces da mulher. Nº123, p.61-62, jul.-dez. 2010.

_____. Espaços sagrados. Nº114, p.36-40, jul.-set. 2008.

_____. Evas, Marias e Madalenas. Nº 116, p.47-48, jan.-mar. 2009.

_____. Fotografia: memórias... fragmentos... reflexos... Nº103, p.29-32, jul.-dez. 2005.

_____. Fotografia: memórias... fragmentos... reflexos... - Helena Marcondes. Nº112, p.18-19, jan.-mar. 2008.

_____. “Nossos índios, nossa história”. Nº 107, p.22-23, out.-dez. 2006.

_____. “Nossos índios, nossa história.” – Talita Barbosa. Nº112, p.38-40, jan.-mar. 2008.

_____. Representações de práticas ligadas ao uso do café e chá em algumas obras de arte. Nº119, p.20-31, out.-dez. 2009.

_____. O triunfo da ilusão: a arte e a arte de comer. Nº 105, p.16-27, abr.-jun. 2006.

_____. “Vanitas Vanitatis”. Nº110, p.43-48, jul.-set. 2007.

SOARES, Claudia Campos. Corpo de baile: um mundo em transformação. Nº 115, p.40-47, out.-dez. 2008

T

TOPEL, Marta F.. O mosaico étnico-cultural israelense: da ideologia da mistura dos exílios à legitimação do multiculturalismo (1950-2000). Nº120, p.19-25, 2010.

TREVIZAM, Matheus. Comentário comparativo de Philomela

605-645 e Philomena 1285-1339. Nº 104, p.12-16, jan.-mar. 2006.

TRICÁRIO, Luciano T., Modernidade e a revelação do objeto cidade: uma aproximação com a modernidade. Nº114, p.17-22, jul-set. 2008.

TRINDADE, Nancy Rabello de Barros. A arte terapia como uma das possibilidades no processo de crescimento pessoal. Nº110, p.31-34, jul.-set. 2007.

V

VANÇAN, Gilberto. Crua e bruta – desenhos e escultura de Paulino da Luz. Nº112, p.36-37, jan.-mar. 2008.

_____. “Pas de deux” com o desenho – Marlene Carvalho. Nº112, p.32-33, jan.-mar. 2008.

VILELA, Dora Figueiredo. Poemas. Nº 107, p.32, out.-dez. 2006.

VON TIESENHAUSEN, Sandra Vivacqua. A polifonia das vozes infantis em Clarice Lispector. Nº111, p.120-125, out.-dez. 2007.

_____. O silêncio de Cecília Meireles. Nº117/18, p.126-131, 2009.

W

WALDMAN, Berta. Editorial. Ângulo Especial: Cultura e literatura judaicas. Nº120, p.05-08, 2010.

_____. Entre a história e os espaços subjetivos: “O lance de dados”, de Samuel Rawet. Nº120, p.70-78, 2010.

Z

ZAMBONI, Milton José; MELO, Adilson da Silva. O pensamento weberiano, sua amplitude e inserção no pensamento contemporâneo nas ciências sociais. Nº123, p.50-57, jul.-dez. 2010.

ZAPPA, Polyana. Branquinho, Brancão, não tem porta, nem portão... Nº 108, p.36-40, jan.-mar. 2007.

